

VIVÊNCIAS DE GORDOFOBIA E DISCRIMINAÇÕES DE GÊNERO ENTRE PRÉ-ADOLESCENTES NA VIRAÍENSES

Valdelice Cruz da Silva Souza¹
Josiane Peres Gonçalves²

RESUMO

A percepção do corpo humano passou por transformações, outrora o corpo gordo era considerado o ideal, já na atualidade, tornou-se símbolo de desleixo, causando desprezo, fato esse que recentemente denominou-se gordofobia. Destarte, o objetivo desse estudo, é investigar as vivências de alunos pré-adolescentes, bem como analisar a opinião de docentes e familiares sobre a temática, analisando se o preconceito se relaciona com as questões de gênero. O referencial teórico baseia-se em discussões sobre gordofobia e relações de gênero. A pesquisa de campo, de cunho qualitativo, realizou-se por meio de grupo focal, com cinco pré-adolescentes, gravação de entrevistas com duas professoras e uma mãe. Os resultados evidenciam que, o corpo magro é conceituado como o modelo de perfeição e, os indivíduos que não se enquadram, independente do gênero, estão suscetíveis a marginalização, como é o caso dos pré-adolescentes que participaram da pesquisa.

Palavras-chave: Corpo Gordo, Discriminação, Gordofobia, Pré-adolescentes.

INTRODUÇÃO

O corpo humano sempre foi alvo de olhares críticos durante o processo de transformação da humanidade e, dependendo do contexto histórico e cultural, o corpo passou a ter percepções contraditórias, isso é, ora o corpo avantajado e volumoso foi visto como o melhor modelo, como sinal de saúde e riqueza, ora o corpo magro foi entendido como o modelo perfeito a ser obtido, como nos tempos atuais. É importante ressaltar, que essa ideologia advém especificamente da sociedade ocidental, capitalista, de tradição filosófica greco-romana, a qual na atualidade tem reforçado situações de gordofobia.

O termo gordofobia foi utilizado por um movimento feminista que se manifestaram entre o século XIX e XX, defendendo os direitos das mulheres, principalmente, ressaltando a liberdade, em que as mesmas fossem livres de imposições sociais em relação ao próprio corpo

¹ Mestranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FAED-UFMS), Graduada em Pedagogia Câmpus de Naviraí da UFMS. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE).

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Permanente dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal (UFMS/CPAN) e da Faculdade de Educação (UFMS/FAED). Líder Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE), josiane.peres@ufms.br

e de forma análoga, as questões de desigualdade de gênero existentes nesse período. Dessa forma, Pereira e Oliveira (2016), afirmam que:

A primeira onda ocorreu no século XIX e se estendeu até o século XX. A segunda onda, por sua vez, teve início na metade dos anos 60. A pauta da luta foi a reivindicação de direitos à vida pública e a igualdade entre gêneros [...] Alguns historiadores apontam, ainda, uma terceira onda, que teve início na década de 90, quando as ativistas buscaram ampliar o debate e começaram a contestar a autonomia de seus corpos e sua liberdade sexual para que o corpo da mulher não fosse mais visto como propriedade do patriarcado (PEREIRA; OLIVEIRA, 2016, p. 3).

As autoras sustentam que em de 1990 a população feminina foi profundamente influenciada pelo modismo do corpo perfeito. A “ditadura da magreza começa a influenciar os costumes das mulheres da década [...] O estereótipo de mulher magra e alta começa a ser expandido como novo modelo estético e alcançar o padrão exigido passa a ser um esforço” (PEREIRA; OLIVEIRA, 2016, p. 3). Nesse sentido, o referido movimento tem por intuito “Questionar estes padrões estéticos é desconstruir os conceitos de feminilidade e beleza impostos à mulher, principalmente a mulher gorda” (p. 3), apontando assim reflexões de modo a desestruturar tal ideologia.

Pelo mesmo prisma, outra questão levantada por Vasconcelos, Sudo e Sudo (2004), deve-se ao fato de que a pessoa gorda, por ser vista como desmazelada, indolente, lerda, feia, dentre outros estigmas, tendem a ter dificuldades em se inserir no mercado de trabalho, pois sua aparência não serve para representar uma companhia, da mesma maneira, conceitua-se que o indivíduo gordo seja doente, incapaz e arruinado, formando uma péssima concepção do mesmo perante a sociedade.

As preocupações com corpo, ao passar do tempo, sofreram transformações, principalmente em algumas organizações sociais. De acordo com Vasconcelos, Sudo e Sudo (2004), as aflições referentes a aparência do corpo se contradiz dependendo do contexto histórico, como por exemplo, nos séculos XVI e XVII o corpo gordo seria o modelo ideal, entendido como sinal de riqueza, de pessoas bem-sucedidas e sinônimo de beleza.

De forma similar, Rodrigues (2013) frisa que na Idade Média, um período da história humana em que os alimentos eram escassos, o corpo gordo era atrativo e almejado do ponto de vista estético porque simbolizava saúde e vitalidade, demonstrava que o indivíduo fazia parte de uma classe social superior e dominante. Assim, não havia nenhum interesse ao corpo magro, pelo contrário, era repudiado e evitado com a mesma intensidade que o corpo gordo nos dias atuais.

Nesse contexto, o que entra em discussão é ao fato de a mídia ter uma forte influência sob os indivíduos, utilizando propagandas de televisão, telenovelas, anúncios de revistas. Em seu texto, Melo, Farias e Kovacs (2017), pontuam que:

O corpo perfeito está na moda e os debates presentes na televisão e comerciais, matérias publicadas em revistas, jornais, internet, bem como outros meios de comunicação, sempre destacam a dieta, a forma perfeita, os medos da gordura e como não engordar e ter um corpo perfeito (MELO; FARIAS; KOVACS, 2017, p. 306).

Tendo em vista que os indivíduos são influenciados por paradigmas sociais que determinam o que é um “corpo perfeito”, e ao considerar que na maioria dos casos de gordofobia, há uma relação ao gênero feminino, Vasconcelos, Sudo e Sudo (2004) aludem que existe o pensamento de que a mulher gorda não é bonita e nem pode ser sinônimo de elegância, pelo contrário, somente as mulheres magras possuem encanto e formosura.

Por esse prisma, Pereira e Oliveira (2016) argumentam que para as mulheres, ainda pequenas, a aparência do corpo se torna algo crucial, as imposições midiáticas expressam como modelos de beleza, um corpo magro e curvas perfeitas. “Na televisão, tudo que ela vê são princesas magras e ‘perfeitas’ que aguardam a chegada do príncipe encantado” (PEREIRA; OLIVEIRA, 2016, p. 3), cultivando assim, a impressão de que só serão aceitas socialmente, se fizerem parte desses padrões.

Outro ponto ressaltado, de acordo com Louro (1997) diz respeito à oposição entre os gêneros, visto que existem normas construídas socialmente, que estipulam relações de poder do homem sob a mulher: “Em consequência dessa lógica, supõe que a relação masculino-feminino constitui uma oposição entre um polo dominante e outro dominado, e essa seria a única e permanente forma de relação entre dois elementos” (LOURO, 1997, p. 33). Nota-se, portanto, que historicamente os gêneros são diferenciados de forma desigual.

Sob essa ótica, Scott (1998, p. 8) salienta a naturalidade em que as mulheres foram submetidas aos homens socialmente, fato denominado de patriarcado, significando que tal pensamento “[...] concentraram sua atenção na subordinação das mulheres e encontram explicação na ‘necessidade’ do macho dominar as mulheres”, incluindo o direto de o sexo masculino antepor como deve ser o corpo feminino.

Vale ressaltar que essas convecções que moldam o pensamento dos indivíduos são também predominantes em âmbito escolar, surgindo o interesse em melhor entender essa realidade. Assim, objetivo da pesquisa consiste em investigar as experiências e sentimentos dos pré-adolescentes que se consideravam gordos ou estavam insatisfeitos com o próprio

corpo, a respeito da gordofobia, bem como analisar a opinião de docentes e familiares sobre a mesma temática, evidenciando se a discriminação está relacionada com as questões de gênero.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica utilizada pauta-se em pesquisa de natureza qualitativa, do tipo exploratória-descritiva, sendo os sujeitos cinco estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Naviraí MS, duas professoras que lecionavam nas turmas dos pré-adolescentes e uma mãe. Para Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (2000), a pesquisa qualitativa com relevância à elaboração de estudos científicos é favorável a novas descobertas.

Em relação ao grupo focal, Gatti (2005) pondera que tal procedimento é considerado como uma entrevista de interação entre pessoas que compartilham um mesmo dilema, as mesmas vivências, mesmas emoções e opiniões o que possibilita uma discussão em que todos os participantes se sintam livres para concordar ou expor críticas e discorram sobre seus problemas.

Quanto aos critérios para a escolha dos sujeitos eram: ser estudantes de uma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Naviraí MS, os quais se consideravam gordos, abrangendo ambos os sexos. Sendo assim, a organização desse estudo se constitui em etapas, as quais foram fundamentais para conduzir a pesquisa:

1ª etapa: respalda-se no levantamento bibliográfico, constituída a partir de periódicos, dissertações, teses e livros que vão ao encontro dos objetivos da pesquisa.

2ª etapa: escolha da escola e da turma de 5º ano, priorizada pelo fato de os alunos estarem transitando para a pré-adolescência. Um questionário foi respondido por todos os alunos da turma (22 ao total), contendo questões abertas e fechadas, como peso e altura para identificar, por meio do Índice de Massa Corporal (IMC), quem participaria da pesquisa. Para isso, foi utilizada a fórmula do IMC, em que se divide o peso (P) pelo resultado da altura (A) multiplicada por ela mesma ($P/A \times A$).

Vale ressaltar que tal procedimento possibilitou o apuramento dos cinco adolescentes escolhidos, os quais foram selecionados a partir de sua percepção corporal e a autoimagem, ou seja, como se viam e se sofreram discriminações quanto ao corpo, o que também foi fundamental para a elaboração dos roteiros para a entrevista das professoras e da mãe.

Posteriormente, em outra data propícia aos pré-adolescentes, foi realizada a atividade inerente ao grupo focal na biblioteca da própria instituição, o que como pesquisadora,

considerarei uma experiência única, devido a confiança com que falavam, estavam bem confortáveis para expor suas vivências. O espaço foi escolhido pelo fato de os participantes estarem mais familiarizados com o local, com duração de aproximadamente meia hora e foi registrada em forma de áudio e vídeo, para facilitar a análise dos dados.

3ª etapa: realização de entrevistas semiestruturadas com as professoras e com uma mãe desses pré-adolescentes. *A priori*, o intuito era de entrevistar dois familiares e seis pré-adolescentes, todavia, somente uma mãe aceitou participar da pesquisa do mesmo modo, os pais de um dos alunos não permitiram que o filho fosse entrevistado, por motivos de crenças religiosas.

Sendo assim, para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, foi feita a opção por utilizar nomes fictícios como: A1, A2, A3, A4 e A5 para os pré-adolescentes, P1 e P2, para as professoras e M para a mãe. A P1, com 35 anos, lecionava a disciplina de Língua Portuguesa e Matemática. A P2, com 32 anos, lecionava a disciplina de Artes. A mãe tinha 37 anos e também era professora. Quanto aos alunos, a faixa etária variava entre 9 a 13 anos, sendo quatro meninos e apenas uma menina. Os dados obtidos por meio da pesquisa de campo são apresentados e analisados na sequência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro questionário da pesquisa, que foi respondido por 22 dois pré-adolescentes, foi possível notar os estereótipos corporais internalizados pelos alunos, visto que ao comentar sobre o tipo de corpo que consideravam mais bonito, todos foram unânimes em apontar o corpo magro, evidenciando a concepção de corpo idealizado por eles.

Tal perspectiva vai ao encontro da pesquisa realizada por Freitas et al. (2010), em que os participantes consideraram o modelo mais belo, o corpo magro. Os autores ressaltam que pensamento como esse, se deve à construção histórica e representações sociais que precede ao corpo e ao gênero, isso é, as pessoas são ensinadas socialmente a ver o corpo físico e biológico de uma determinada maneira, dando um sentido hegemônico para sua função e aparência.

Desse modo, durante a realização do grupo focal, percebeu-se que os pré-adolescentes não se sentiam bem com sua forma física, ficando evidente que os sentimentos em relação ao corpo eram de descontentamento devido ao peso, fato esse, ligado a internalização cultural do corpo perfeito, como relata a A1: “Eu não queria ser assim, eu

queria ser um pouco mais magra”. Frases como essa sugerem que se encontra incorporada a ideia de que para se sentir bem com o corpo, é necessário ser magro.

Nesse sentido, Neto e Campos (2010, p. 89) discorrem que “O corpo está constituindo fonte de sofrimento, de frustração e de insatisfação” e que cada vez mais os indivíduos estão descontentes com o modelo de seu corpo. Isso se explica devido ao fato de o corpo ser um componente relevante na sociedade, com isso os pré-adolescentes se sentem desconectados, envergonhados e fracassados se não atingirem aos padrões estabelecidos: “É magoamento né, por causa de mim mesmo” (A3), situação essa que levará a vida adulta, visto que:

É no corpo que se dá a acomodação das sensações que posteriores dará lugar como representações de si mesmo, as referências identitárias são enraizadas nas expectativas com respeito ao corpo [...] A busca pela identidade pessoal é a encarnação de todo um complexo sistema de relações sociais presentes antes mesmo da existência do sujeito no mundo, portanto, é possível compreender que o corpo é um vetor importante para a construção de identidade do indivíduo, bem como, possui real importância para a interação nos grupos sociais (FORT; SKURA; BRISOLARA, 2016, p. 1).

Outro ponto discutido no grupo focal foi de que os pré-adolescentes sofrem pressões externas para emagrecer, como citado pelo A3: “[...] ficam falando ‘Ah, come menos’, ‘Ah você é gordo’”. Tais relatos sugerem que os adolescentes se sentem culpados por ingerir alimentos, em alguns momentos do diálogo afirmaram que são merecedores de maus tratos por estarem acima do peso, a ponto de permitir ofensas e xingamentos, como também é relatado pelo A3: “As vezes até você, tipo assim, você está discutindo com uma pessoa, sobre coisas que não têm nada a ver, mas daí ale já fala ‘Ah cala a boca teu gordo, cala a boca’. Aí, tipo..., não tem como você falar nada, porque você já é gordo mesmo”.

Esse sentimento de culpa, bem como os padrões de beleza idealizados pelos pré-adolescentes, são construções sociais, expandidas a partir da perspectiva da medicina e da religião. De acordo com Melo (2015), essa ideologia foi estabelecida para demonstrar o domínio e controle pessoal, significando uma comunicação e obediência a figura divina e acreditando que o descontrole seria um pecado carnal. “Muito do que diz respeito ao preconceito em torno do corpo gordo tem suas raízes na religião. O cristianismo é um exemplo da propagação da ideia de excesso de alimentação com o pecado da carne” (MELO, 2015, p. 29).

Vale ressaltar que o presente estudo não possui a finalidade de desconsiderar os perigos da obesidade, mas sim analisar as situações desconfortantes de gordofobia contra o corpo acima do peso. No entanto, “[...] a medicina tem um importante papel na disseminação

do corpo magro aliado à autorrealização. Pouco índice de gordura corpórea é frequentemente associado à saúde” (MELO, 2015, p. 133). Desse modo, em um momento da conversa, um aluno expôs sua preocupação com o corpo, devido aos problemas de saúde, e sua vontade de emagrecer, devido a agilidade que o corpo magro supostamente promove, isso é, de conseguir correr ou se movimentar rapidamente.

Depende da situação, tipo, o meu corpo, ele, ele se cansa muito rápido, ou seja, gordo se cansa muito rápido. E no futuro pode..., eu posso ter problema cardíaco, cardiorrespiratório, por isso, eu estou procurando fazer uma dieta, para emagrecer meu corpo (A2).

Dessa maneira, o que ficou mais evidente nos relatos dos pré-adolescentes é o sentimento de inferioridade por meios de palavras ofensivas, tais como: “Eles ficam me chamando de gordo, baleia” (A5), ou com brincadeiras verbalmente agressivas relatadas pelo A4: “Tinha muita gente que não gostava de mim e que falava uma frase: gordo baleia, saco de areia”. Ofensas como essas acarretam em tristeza para aos pré-adolescentes: “[...] é, parece que já é um preconceito, que não gostam de gordo” (A4), evidenciado também que a gordofobia está cada vez mais presente nas instituições escolares, o que para Scutti et al. (2014) é considerado como principal motivo da exclusão social, portanto:

Na sociedade, um fator importante que gera a exclusão social é o aumento de peso, que se tornou sinônimo de feiura e gera discriminação. As crianças e os adolescentes são os que mais sofrem com esse tipo de violência, que é atualmente denominada *bullying*, caracterizado por comportamentos agressivos e repetitivos feitos intencionalmente, com maior incidência na faixa etária de 11 a 15 anos, podendo ser praticado de forma verbal (como apelidos pejorativos), física (com agressões) ou relacional (exclusão social) (SCUTTI et al. 2014, p. 131).

Nessa conjuntura, os pré-adolescentes pesquisados demonstraram estar com a autoestima baixa, por eles não conseguirem diminuir seu peso, como externalizado pelo A4: “É triste! Tem vez que eu vou à balança e na hora que eu olho meu peso, assim..., está acima do que eu deveria estar”. O A3 expressa sentimento de vergonha: “As vezes, quando eu subo na balança, eu olho bem se não tem ninguém olhando para mim, aí eu vou naquela balança!” Já o A1 demonstra insatisfação por não encontrar roupas adequadas para seu corpo: “[...] é que eu ganhei dois shorts e não dá para eu usar”.

De acordo com Zottis e Labronici (2003, p. 4), a pessoa que não atinge ao padrão estipulado depara-se com dificuldades de encontrar vestimentas que lhe sirvam, problemas com transporte e relações pessoais, causando o desejo de se esconder, isso é, “[...] como mecanismo de defesa, o corpo obeso deixa de se olhar no espelho, deixa de pesar-se. Foge da

balança e não tira fotos” (ZOTTIS, LABRONICI, 2002, p. 12), fazendo com que a pessoa gorda se sinta cada vez menos insatisfeita com seu corpo.

Vale ressaltar que a A1, durante as discussões, foi considerada pelo grupo como não tendo excesso de peso, contudo, ela acredita estar fora do padrão, pelo fato de não ter o corpo exatamente como é exigido socialmente, bem como devido as palavras ofensivas que lhe são direcionadas, por não ser completamente magra, evidenciando que o padrão de magreza é cada vez mais difícil de ser atingido. Nos relatos da pré-adolescente, percebe-se como é enaltecido o corpo magro: “A minha prima, ela era mais, ela era gorda né, ela era bem gorda, e aí ela foi fazendo dieta, deixou de tomar tanto refri e agora ela tem o corpo bem bonito, ela é tão bonita” (A1).

Nessa perspectiva, Vilhena, Novaes e Rocha (2008, p. 392) asseguram que na atualidade os indivíduos tendem a buscar constantemente uma estrutura corporal que não coincide com a realidade brasileira. Assim, “[...] tratam de seu corpo com profunda tirania, privando de alimentos, mortificando-os nas inúmeras cirurgias ou submetendo-o a exercícios físicos torturantes” (VILHENA; NOVAES; ROCHA, 2008, p. 392).

Os participantes da pesquisa também comentaram sobre as situações de gordofobia vivenciadas em âmbito familiar e escolar. A princípio tentou saber o ponto de vista das professoras e mãe de um dos alunos sobre a gordofobia. A mãe foi bastante breve em sua resposta: “[...] desnecessário né, o preconceito”. De forma similar, a P2 considera abomináveis as atitudes cruéis e constrangedoras atinentes ao peso: “Sei lá, uma estupidez por parte da pessoa, né, que tem esse tipo de preconceito [...] quando ela tem esse tipo de comportamento né, quando ela tenta constranger a pessoa por conta disso, faz brincadeiras, gracinhas”.

A P1 expõe que conhece pouco sobre o tema e, nesse sentido, Pereira e Oliveira (2016, p. 1) consideram que “[...] a gordofobia ainda é um contexto pouco explorado pelo campo comunicacional em suas análises”. Portanto, é comum os indivíduos não vislumbrarem sobre a temática, já que é um termo pouco divulgado e sistematizado. Contudo, a P1 relata a dificuldade de trabalhar a temática em sala de aula, segundo ela, a intenção de erradicar com o problema resulta em uma reação antagônica, por impulsionar ainda mais o preconceito: “[...] porque às vezes a gente entra, aprofunda um pouco mais, aí você acaba causando um impacto muito grande nos alunos, e aí eles começam a..., ao invés de inverter a situação, eles favorecem a situação” (P1).

Desse modo, nota-se que qualquer situação é propícia para a prática da gordofobia, corroborando com as ideias de Scutti et al. (2014, p. 130) de que “[...] estar acima do peso

numa sociedade que valoriza a aparência física e o corpo ideal, significa poder fazer do indivíduo um alvo para discriminações em diversos contextos, sobretudo em idade escolar”.

Nessa perspectiva, a mãe respondeu que seu filho pré-adolescente não está satisfeito com seu copo, o fato pode ser relacionado a questão da idade, a qual parece ser o começo das percepções corporais, conforme relata a P1: “[...] eles são pré-adolescentes na verdade né, eles aí nessa faixa etária que é complicado, os alunos eles qualquer coisinha, eles já chamam de gordo, já xingam”. O mesmo pensamento é exposto pela P2: “Eu, eu já, o que eu percebo assim, é de quarto, quinto ano”, etapa em que os alunos se encontram na pré-adolescência.

Cabe salientar que, nessa fase do desenvolvimento humano, ou seja, no início da adolescência, o indivíduo enfrenta grandes conflitos, como a sua existência no mundo. Para Aberasturi e Knobel (1981, p. 35), nessa fase da vida, aparecem as primeiras transformações corporais causadas pela puberdade, o crescimento descoordenado dos membros, o luto pelo corpo da infância, a crise de identidade e ainda o desejo de estar incluso aos padrões exigidos socialmente, originando um descontentamento com sua compleição física.

Outra questão desvendada pela pesquisa, refere-se ao fato de os alunos se sentirem mais confortáveis para comunicar quadros de gordofobia para os professores e não para os pais. Segundo os relatos das professoras, as crianças trazem ocorrências de discriminação constantemente, “Ah, eles falam ‘Oh, fulano tá me chamando de gordo! Fulano tirou sarro!’ Sim, eles recorrem para gente sim, com certeza (P2)”.

Nesse sentido, os alunos demonstraram que estavam sendo assistidos e compreendidos, apontando que os professores intervêm nas atitudes gordofóbicas “[...] corrigindo as pessoas que fazem essas coisas, né” (A1). Tal narração é confirmada pela P2: “Eu sempre corrijo, quando eu vejo o aluno com algum tipo de... dessa atitude, assim, né, quando vejo que tira algum sarro, alguma coisa, algum apelido, eu corrijo”.

Entretanto, no âmbito familiar, a mãe declara não haver reclamações de seu filho quanto à discriminação no âmbito escolar: “Não, reclamação na escola não”. É importante ressaltar que na conversa com os pré-adolescentes foi exposto pela maioria que realmente não comunicam tal eventualidade aos familiares, por receio e temor aos responsáveis “[...] nós temos medo deles” (A3). Notou-se então que os pré-adolescentes não tinham a confiabilidade em falar sobre o preconceito com a família e, de forma diferente, percebe-se que na escola, embora seja o lugar que mais sofrem preconceito, tendem a ter liberdade para a comunicação. Desse modo, Martins (2006, p. 54) analisa que:

[

...] o excessivo controle do corpo, através da alimentação, e o sentimento de medo em relação a gordura, provinham, em parte, de práticas familiares das crianças do grupo. Em um dos encontros com elas, propus que pensássemos sobre os conceitos de beleza e saúde. Rapidamente houve uma conexão entre esses conceitos e o cuidado de si. As crianças foram unânimes em dizer que para se ter beleza e saúde é necessário cuidar de nossos comportamentos, e, em suas falas, demonstraram que muitas vezes essas “tarefas” se originam no âmbito familiar.

Quanto o desenvolvimento escolar, as docentes e as crianças concordam que não há constatação de problemas intelectuais: “[...] falar assim, social, dependendo do tipo de atividade que a gente vai fazer, não quer fazer, não quer se expor na verdade né, mas assim, intelectual acho que não influencia tanto não” (A1). Desse modo, pode-se pressupor que os danos causados pela gordofobia abrangem o estado psicológico das crianças, conforme descrito por Scutti et al. (2014), de que o preconceito pode ser o motivo de várias complicações emocionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo sobre gordofobia, evidenciou que os pré-adolescentes sofrem constantemente preconceitos e discriminações em relação a sua estrutura corporal, visto que não estão satisfeitos com seus corpos, que se preocupam com sua forma física e acreditam que a solução seria abster-se da alimentação para que não adquiram tanto volume corporal.

Desse modo, há uma preferência unânime quanto ao corpo magro, como sendo o mais ideal, o mais cobiçado, o mais bonito, e que para se sentir bem com o corpo, deve-se estar magro. Sendo assim, os pré-adolescentes se sentem tristes e magoados consigo mesmos, apresentando problemas de autoestima baixa, desencadeando um sentimento de culpa por não fazerem parte do padrão social e cultural que prescreve a magreza como sinal de beleza e saúde. Como consequência, acabam aceitando a posição de desvalorização diante dos xingamentos e nomes pejorativos.

Em relação ao âmbito familiar e escolar, percebe-se que os pré-adolescentes se sentem mais a vontade de falar sobre o assunto nas escolas. Por mais que as situações de gordofobia aconteçam numa escala maior no espaço escolar, os pré-adolescentes se sentem compreendidos, havendo intervenções por parte dos docentes, conscientizando os alunos sobre os problemas causados pelo preconceito.

No que diz respeito ao gênero, todos os participantes declararam que a mulher é a mais atingida em relação a gordofobia. No entanto, o grupo de pré-adolescentes que fez parte da pesquisa, descrevendo suas insatisfações com o corpo, foi formado pela maioria do sexo

masculino. Desse modo, a análise geral é que outrora o corpo feminino foi julgado e pressionado a atender os padrões de beleza exigidos socialmente, todavia, atualmente, esse cenário está se transformando e, independentemente do sexo, a preferência pelo corpo perfeito e magro perpassa por ambos os gêneros.

Portanto, diante do estudo realizado, é possível afirmar que os indivíduos estão cada vez mais dependentes de aceitação social, principalmente no que diz respeito a sua aparência física e que, independentemente do sexo, todos os sujeitos podem sofrer discriminações pelo fato de ser gordo, pensamento esse, fortemente propagado pela mídia. Assim, destaca-se sobre a necessidade de haver mais estudos sobre a temática, devido as evidências obtidas na presente pesquisa, de que a gordofobia pode causar sérios transtornos no convívio social, tanto em âmbito escolar, quanto familiar.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. Pioneira, São Paulo- SP, 2000.

FORT, Mônica. Cristina; SKURA, Ivania; BRISOLARA, Cristina Brahm Cassel. Corpos jovens e magros: imposições midiáticas, pressões sociais, angústias pessoais. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** São Paulo SP. 2016, p. 1-15. Disponível em <http://cev.org.br/biblioteca/corpos-jovens-e-magros-imposicoes-midiaticas-pessoas-sociais-angustias-pessoais>. Acesso em: 30 abr. 2018.

FREITAS, Clara Maria Silveira Monteiro de. et al. **O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante IMC**. Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte. v. 24. n. 3. p. 389-404. Jul./set. 2010.

GATTI, Bernardete. Angelina. **Grupo focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, DF. Líber Livro. 2005.

LOURO. Guacira. Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTINS, Jaqueline. **Tudo menos ser gorda: a literatura infanto-juvenil e o dispositivo da magreza**. Porto Alegre, RS. Tese (mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS/ RS. 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/neccso/pdf/dissertac_tudomenosgorda.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2017.

MELO, Francisco Vicente Sales; FARIAS, Salomão Alencar de; KOVACS, Michelle Helena. **Estereótipo e Estigmas de obesos em propagandas com apelos de humor**. Organização e Sociedade, v. 24. n. 81. p. 305- 324. Salvador abr./jun. 2017. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/osoc/v24n81/1413-585X-osoc-24-81-0305.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

MELO, Júlia Almeida de. **O corpo gordo: diálogos poéticos em Elisa Queiroz e Fernanda Magalhães.** 168 f. 2015. Tese (mestrado em Artes). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes, ES, Vitória 2015.

NETO, Inácio Brandl; CAMPOS, Ivanir Glória de. **A influência da mídia sobre o ser humano na relação com o corpo e a auto-imagem de adolescentes.** Caderno de Educação Física, v. 9. n. 17. p. 87-99. 2010.

NOVAES, Joana. Vilhena. **Perdidas no espelho?** Sobre o culto ao corpo na sociedade consumo. 2001. 935p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC/RJ, Rio de Janeiro, 2009.

PEREIRA, Bruna. Barbosa.; OLIVEIRA, Pedro. Pinto de. **Gordofobia, mocinha só magrinha:** valores do corpo feminino nas telenovelas. INTERCON- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. São Paulo, 2016. Disponível em: <portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1719-1.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2017.

RODRIGUES. Meghie. **O gordo, o belo e o feio:** o embate entre obesidade e padrões estéticos. ComCiência. Campinas, SP, n. 145. 2013. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542013000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 set. 2017.

SCOTT, Jodelet. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 20, jul./dez. 1998.

SCUTTI, Carmen Sylvia. et al. **O enfrentamento do adolescente obeso:** a insatisfação com a imagem corporal e o bullying. Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 16. n. 3. p. 130-133. 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/15188>>. Acesso em: 10 maio 2018.

VASCONCELOS, Naomi; SUDO, Iana; SUDO, Nara. **Um peso na alma:** o corpo gordo e a mídia. Revista Mal-Estar e Subjetividade. Fortaleza, v. 4. n. 1. p. 65-93. 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/271/27140104.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2017.

VILHENA, Junia de; Novaes, Joana de Vilhena; ROCHA, Livia. **Comendo, comendo e não se satisfazendo:** apenas uma questão cirúrgica? Obesidade mórbida e o culto ao corpo na sociedade contemporânea. Revista Mal-Estar e Subjetividade. Fortaleza, v. VIII. n. 2. p. 379-406, Jun. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1655/3597>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

ZOTTIS, Carolina; LABRONICI, Liliana Maria. **O corpo obeso e a percepção de si.** Biblioteca digital de periódicos Cogitare Enfermagem. v. 7. n. 2002. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/1665>>. Acesso em: 10 maio 2018.